

ARDILA, Rubén, *Creatividad, Revista Mexicana de Psicología*, 1967, Vol. III, n.º 1, p. 51-65.

O autor, psicólogo do Departamento de Psicologia da Universidade Nacional da Colômbia, apresenta neste livro um estudo sôbre “poder criador”.

Na Introdução, assinala a evolução do conceito de “criatividade” desde o século XIX, quando começou a ser estudado, chegando à conclusão de que a maioria dos especialistas estão de acôrdo quanto aos quatro aspectos capitais:

- a) um conceito ou idéia básica;
- b) sua incorporação em forma concreta, que pode ser literária, musical ou científica, tratando-se de um tipo de máquina, de um processo industrial etc.;
- c) a condição de ser nôvo, provávelmente o ponto mais importante;
- d) a condição de ser valioso.

Deduz daí que os fenômenos psicológicos da criação são análogos na *arte* e na *ciência*, como tem sido comprovado experimentalmente. A propósito, cita a definição de M. I. STEIN, “Criatividade é o processo de que resulta obra nova, aceita como valiosa, útil ou satisfatória, por um grupo num dado decurso de tempo”.

Mostra a seguir os pontos de vista, psicológico e sociológico, pelos quais podem ser estudados os fatôres da criatividade. Admite a conclusão de que a criatividade é resultante de um processo que ocorre no indivíduo, no processo de interação com o ambiente.

Os quatro pontos dantes referidos são examinados, segundo as conclusões de pesquisas, os fatôres da criatividade, a criatividade e o procedimento e o indivíduo criador. Neste último, o autor destaca as conclusões de estudos clínicos e evolutivos, relativas à personalidade do indivíduo criador, assim indicadas:

- a) a pessoa criadora orienta-se numa direção de desenvolvimento;
- b) sente-se isolado dos demais, em suas relações interpessoais, durante o período de desenvolvimento;

c) é, então, uma pessoa diferente que confia em suas próprias forças, possui uma escala própria de valores e uma imagem positiva de si mesma;

d) o *nível de energia* é maior que nas demais pessoas; o criador dedica-se a suas metas pessoais, pelas quais faz sacrifícios extraordinários.

Contudo, isso não significa que não haja artistas e cientistas neuróticos, fracos de energia e com profundos sentimentos de inferioridade, podendo até mesmo estas características pessoais dar origem a conflitos que inibam o poder criador.

Assinala também os problemas de personalidade dos cientistas estudados por A. ROE, e os quais estende aos artistas.

Conclui o autor por afirmar que “a humanidade está composta de dois tipos de pessoas: umas que abrem novos caminhos, descobrem, inventam e outras que conservam o legado que a civilização nos oferece”.

Ambos os tipos são necessários, não sendo possível prescindir nem de um nem de outro. Sem dúvida os criadores têm diante de si trabalho mais difícil, merecendo por isso especial atenção.